



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

REPRESENTAÇÕES PROTOTÍPICAS DE INTELIGÊNCIA EM TÉCNICOS DE RECRUTAMENTO

DUARTE FERNANDES

Orientador de Dissertação:

VIRGÍLIO DO AMARAL

Coordenador de Seminário de Dissertação:

RUI BÁRTOLO RIBEIRO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Social e das Organizações

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Virgilio Jorge Rodrigues Ribeiro do Amaral, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Social e das Organizações, conforme despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Ao Professor Virgílio do Amaral pelo apoio, disponibilidade e por ver em mim características que levaram a que quisesse levar este trabalho a “bom porto”, mesmo depois de algumas intempéries.

Ao Professor João Maroco, por ter cedido a comunicar por e-mail um esclarecimento relativo à análise estatística, numa altura em que um encontro pessoal seria impossível para ambos.

Ao Cláudio, pela preciosa ajuda; aos “Gonçalos” pelo interesse; aos Colegas da Hays, pela paciência; ao Pedro Nunes, pela preocupação.

À Sara! À Sara que foi a grande companheira deste percurso, que me ajudou, que me deu sugestões, que me conteve nos momentos de ansiedade, que não me deixou desistir mesmo quando o mundo caiu, que trocou o seu tempo pelo meu. À Sara, com uma promessa: vamos ser donos do tempo!

Resumo:

Este estudo pretende avaliar a forma como se organizam as representações prototípicas de inteligência em técnicos de recrutamento, de acordo com o sexo e a maior ou menor familiaridade com o objecto social “inteligência”. Os dados foram recolhidos em 15 empresas da região de Lisboa através de um questionário, de acordo com a técnica da Associação Livre de Palavras. 38 sujeitos responderam ao questionário. Os dados foram analisados através da técnica HOMALS no SPSS. Os resultados mostram que os técnicos de recrutamento organizam os seus protótipos de inteligência de acordo com duas dimensões, competências sociais e competências profissionais.

Palavras-Chave: inteligência, protótipos, técnicos de recrutamento

Abstract:

This study aims to evaluate how prototypical representations of intelligence are organized among recruiters, according to their sex and the more or less familiarity with the social object “intelligence”. Data were gathered through 15 companies in Lisbon region, using a questionnaire according to the Free Association technique. 38 subjects completed the questionnaire. Data were analyzed using the HOMALS technique in the SPSS. Results show that recruiters organize their prototypes of intelligence according to two dimensions, social abilities and professional abilities.

Key-words: intelligence, prototypes, recruiters

Índice

1 – INTRODUÇÃO	8
2 - REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1. História e Definição de um Conceito	10
2.2. Tipologia e Dimensões das Representações Sociais	12
2.3. Teorias ingênuas Vs. Teorias Científica, Senso Comum e Ciência	13
2.4. Porque Elaboramos Representações Sociais	13
2.5. Mecanismos Sociocognitivos	14
2.6. Processos de Categorização Social Através de Protótipos	16
2.7. A Abordagem Exemplarista	18
2.8. As funções das Representações Sociais	19
2.9. Princípios Organizadores das Representações Sociais	19
2.10. A Inteligência Naif	20
2.10.1. Estudos no Âmbito das Teorias da Cognição Social	20
2.10.2. Estudos no Âmbito da Teoria das Representações Sociais	22
3 - ESTUDO DA ORGANIZAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES PROTOTÍPICAS DE INTELIGÊNCIA EM TÉCNICOS DE RECRUTAMENTO	24
3.1. Notas Introdutórias ao Estudo	24
3.2. Objectivos	24
3.3. Método	25
3.3.1. Caracterização da Amostra	25
3.3.2. Material e Procedimentos	25
3.4. Descrição e Interpretação de Resultados	26
4 – DISCUSSÃO	32
Referências	33
ANEXOS	
Anexo A: Questionário	36
Anexo B: Output	39

Lista de Tabelas

Tabela 1: Caracterização da Amostra	25
Tabela 2: Frequências das Palavras Obtidas por Categoria	26
Tabela 3: Valores Próprios das 10 Primeiras Dimensões	27
Tabela 4: Medidas de Discriminação por Variável nas Duas Dimensões	28
Tabela 5: Medidas de Discriminação das Variáveis	29

Lista de Figuras

Figura 1: Representação gráfica dos valores próprios das 10 primeiras dimensões 27

Figura 2: Representação gráfica das quantificações das categorias 1- correspondentes às respostas dos sujeitos nas respectivas variáveis e 2- correspondentes à ausência de resposta 30

1- INTRODUÇÃO

Quantos de nós já julgámos um indivíduo que acabámos de conhecer como sendo inteligente, ou não? E porque é que o fizemos? Será que outros indivíduos o julgam do mesmo modo? Que características teremos de perceber num indivíduo para que o julguemos enquanto inteligente? Parecer-nos-á inteligente um homem que, sentado numa esplanada, se encontre a ler uma obra de Nietzsche? E uma mulher que se encontre na mesma esplanada, também a ler, mas desta vez uma revista dita “cor-de-rosa”? E a nós, julgar-nos-ão inteligentes? Queremos ser julgados enquanto tal? Cremos que o leitor responderia afirmativamente à última questão, sobretudo se uma avaliação deste tipo levar um terceiro a ter comportamentos que percepcionemos como positivos.

A maioria de nós já passou por situações em que se perguntou se o teriam julgado enquanto inteligente. Situações em que somos submetidos a avaliações por parte de outros e que terão consequências no nosso futuro. Situações como estas levam-nos à pergunta: “Como é que o outro representa a Inteligência?” Esta pergunta direcciona-nos para um estudo da inteligência diferente dos estudos científicos que deste conceito se ocupam. Não pretendemos medir a inteligência, mas sim estudar a inteligência à luz das teorias implícitas, sociais, ingénuas, a forma como os sujeitos representam a inteligência, a inteligência subjectiva. Por este motivo, o estudo apresentado enquadra-se no âmbito das representações sociais, mais especificamente, representações sociais da inteligência.

Uma situação semelhante às que já foram acima descritas, e pela qual a maioria das pessoas já passaram, ou irão passar, acontece quando nos submetemos a uma avaliação no âmbito do recrutamento para um determinado emprego. É provável que nesta situação queiramos ser julgados enquanto inteligentes, ou pelo menos mais inteligentes que os demais candidatos ao lugar. Assim, é também provável, que queiramos adoptar comportamentos que julgamos levar o técnico a avaliar-nos enquanto, entre outras características, inteligentes.

Porém, o a representação que cada indivíduo possui acerca da inteligência, poderá ancorar em ideias que podem divergir da representação de inteligência do técnico de recrutamento. Este facto leva-nos a indagar acerca da maneira como o nosso avaliador concebe a inteligência. É precisamente esta questão que nos propomos a investigar, como representam os técnicos de recrutamento a Inteligência? Mais concretamente, procuraremos perceber quais as representações prototípicas dos técnicos de recrutamento, relativamente à inteligência. Assim,

para melhor percebermos que “inteligências” procuram os técnicos de recrutamento, torna-se pertinente perceber qual a organização prototípica de inteligência nestes sujeitos e como variam, nomeadamente, de acordo com o sexo dos sujeitos e com o facto de os mesmos serem familiares ou não com o conceito inteligência.

Desta forma o grande objectivo deste estudo é o de perceber qual o efeito da familiaridade com o objecto social inteligência, bem como o sexo dos sujeitos, na organização das representações prototípicas de inteligência em técnicos de recrutamento.

2 - REVISÃO DE LITERATURA

2.1. História e Definição de um Conceito

O conceito de representação social, introduzido pela primeira vez por Moscovici (1961), sobre a apropriação da teoria psicanalítica por diferentes grupos sociais, baseia-se explicitamente na noção de representações colectivas proposta por Durkheim (1898).

Salientando a especificidade do pensamento colectivo em relação ao pensamento individual, Durkheim (1898), formulou uma tese que postulava a irredutibilidade dos fenómenos sociais aos fenómenos psíquicos individuais, considerando ainda, as representações colectivas como categorias lógicas e invariantes, dotadas de uma função estabilizadora da diversidade de ideias e palavras numa sociedade.

Numa análise posterior, Moscovici (1988) considerou as representações colectivas como formas gerais e estáveis do conhecimento social, que mudam de estrutura e conteúdos muito lentamente, constituindo o que se pode designar de memória colectiva de uma sociedade.

Num quadro de sociedades marcadas pela rapidez de circulação de ideias e informações acerca dos fenómenos sociais, aumenta a necessidade de utilização de um instrumento heurístico que possibilite a apreensão do real (Jodelet, 1984), sendo que as características estáticas e abrangentes presentes no conceito de Durkheim (1898), não demonstram utilidade para tal instrumento no quotidiano individual, (Palmonari & Doise, 1986).

Pressupondo que uma mesma representação fosse uniformemente partilhada numa sociedade (Durkheim, 1898), contradizendo a pluralidade de representações sobre o mesmo objecto (Palmonari & Doise, 1986), a teoria das representações colectivas apresenta-se útil como conceito teórico, mas com uma estrutura aparentemente impenetrável (Moscovici, 1988).

Assim, a compreensão dos conteúdos das representações sociais, terá de passar pela análise da estrutura e dos processos de formação e funcionamento das mesmas (Jodelet, 1984).

Esta análise teve início com o trabalho seminal de Moscovici (1961), sendo que este, procurando distinguir as representações sociais de outros conceitos e constructos de médio

alcance presentes na Psicologia Social, refere três características distintivas de uma representação social: a) trata-se de uma actividade de reprodução cognitiva das propriedades de algo: dum objecto do conhecimento, dum sujeito social, dum acontecimento ou de uma ideia; b) essa reprodução efectua-se a um nível concreto, figurativo ou metafórico; c) a representação do objecto implica a atribuição de significados, e tem uma componente simbólica. Desde então, devido à pluralidade de definições já existente (Amaral, 2004), tornou-se difícil atribuir uma definição ao termo representação social em Psicologia Social, sendo aqui concebida como “uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objectivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 1989 cit. por Vala, 2000, p. 458).

Esta definição compreende assim: a) uma dimensão cognitiva, no sentido de que é uma representação mental subjectiva de um objecto (Moscovici cit. Por Vala, 2002); e b) uma dimensão social, no sentido de ser partilhada por um grupo, socialmente construída (Moscovici cit. Por Vala, 2002) e socialmente funcional – orientando comportamentos e organizando relações simbólicas entre actores sociais (Doise cit. Por Vala, 2002).

Por possuir uma dimensão cognitiva, possui certos mecanismos que são explicados pela cognição social, tais como a categorização. No entanto, a dimensão social remete claramente para processos distintos, ligados com as funções simbólicas e significantes adiante expostas. A representação diz-se social com base em três critérios: quantitativo, genético e funcionalidade. O critério quantitativo é utilizado para efectuar uma distinção das representações idiossincráticas, sendo que uma representação será social apenas na medida em que é partilhada por um conjunto de indivíduos.

Ao utilizar-se o critério genético, chega-se ao entendimento da representação como social na medida em que é colectivamente produzido, ou seja, as representações sociais são um produto das interacções e fenómenos de comunicação num grupo social.

O terceiro critério, o da funcionalidade, contribui decididamente para a distinção de outros conceitos. Este critério utiliza-se da função que as representações sociais possuem, no sentido em que estas são utilizadas como teorias sociais práticas, organizando as relações simbólicas entre actores sociais (Doise, 1992).

Bauer e Gaskell (1999) referem-se às representações sociais como estando numa encruzilhada entre o indivíduo e a sociedade, em que as representações são um espaço entre ambos, um agente ligando objectos, sujeitos e actividades, incorporadas na comunicação e nas mentes individuais, sendo partilhadas de um modo semelhante à linguagem. Neste sentido, o termo “partilhadas” refere-se a uma definição de uma colectividade plural onde o grupo possui partes sobrepostas do todo, mas em que o todo só pode ser compreendido pela referência ao colectivo (Bauer & Gaskell, 1999).

2.2. Tipologia e Dimensões das Representações Sociais

Moscovici (1988 cit. Por Vala, 2000) define uma tipologia de representações sociais, distinguindo-as entre hegemónicas ou colectivas (formas de entendimento e significados partilhados por um grupo fortemente estruturado, de carácter coercivo), emancipadas (resultantes de uma troca – intergrupala e cooperativa – de significados diferentes sobre um mesmo objecto), e polémicas (geradas no decurso de conflitos sociais e determinadas por relações antagonistas entre diferentes grupos sociais). Estas modalidades não são no entanto independentes, uma vez que uma representação hegemónica pode incluir dimensões polémicas (Clémence, Doise & Lorenzo-Cioldi, 1994).

As representações sociais são assim dotadas de um sentido social prático, servindo muitas vezes para transferir o conhecimento teórico e científico para o senso comum, através de processos de objectivação e ancoragem (Vala, 2000).

As representações sociais são ainda analisáveis segundo três dimensões, a saber, as atitudes (na medida em que as representações se podem estruturar em torno das atitudes, ainda que veiculando uma informação reduzida e um campo representacional pouco organizado), a informação (diz respeito à quantidade e qualidade dos conhecimentos acerca do objecto) e o campo de representação (refere-se à organização e hierarquia dos conteúdos representacionais, à estruturação figurativa e à riqueza dos elementos constitutivos) (Moscovici, 1961).

2.3. Teorias ingênuas Vs. Teorias Científica, Senso Comum e Ciência

A Psicanálise foi estudada no trabalho seminal de Moscovici em 1961. Não foi estudada enquanto teoria científica, mas sim a forma como esta se difundia na sociedade Francesa na década de 50, através dos media e de conversações e trocas de opinião, (Amaral, 2004). Observa-se aqui um exemplo de como uma teoria científica como a Psicanálise se transforma em teoria ingênua, teoria essa que é aquela que realmente existe em sociedade. Segundo Moscovici (1961) as representações sociais aparecem e modificam-se nas trocas de informação que acontecem em sociedade, que não se limitam a transferir mensagens, mas antes alteram-nas e transformam-nas em algo com significado.

Neste estudo, Moscovici (1961), observou a forma como esta “teoria ingênua” da psicanálise levava a que os indivíduos concebessem a personalidade e em ultima instancia a organização psíquica: O conflito consciente/inconsciente que concebe o recalçamento e de onde resultam complexos. Assim, e como refere Jodelet (1986a), mais do que uma representação mental, as representações sociais operam uma reconstrução da realidade, tornando-se uma parte importante do ambiente social.

Para Moscovici (1998) este conhecimento de senso comum, que altera a forma como os indivíduos constroem a realidade, resulta fundamentalmente da divulgação social de teorias e conceitos científicos.

2.4. Porque Elaboramos Representações Sociais

Moscovici (1984) refere três hipóteses propostas pela Psicologia Social sobre as razões que levam os sujeitos a elaborar representações sociais: desejabilidade (distorções da realidade que permitem a compreensibilidade), equilíbrio (reconstituição do equilíbrio em situações de tensão psicológica), e controlo (representações que filtram a realidade e permitem controlar comportamentos individuais).

Moscovici (1984) propõe ainda uma quarta hipótese: a familiaridade, ou seja, o esforço de adaptação de indivíduos e grupos para tornar familiares informações novas ou abstractas. Esta hipótese traria algumas vantagens cognitivas, na medida em que “familiarity, that is, similarity to a previous known individual, whether consciously perceived or not, may create a

sense of attraction, predictability and safety” (Fiske & Taylor, 1990, p. 114).

Esta função de familiaridade seria assegurada pelos mecanismos sociocognitivos de objectivação e ancoragem, geradores de representações sociais.

2.5. Mecanismos Sociocognitivos

Moscovici concebe dois processos sociocognitivos concomitantes na formação de representações sociais, a saber, a objectivação e a ancoragem.

O processo de objectivação compreende duas etapas: a retenção selectiva e a naturalização. Relativamente à primeira etapa, Moscovici (1961) compreende-a como a retenção de forma selectiva de informações acerca do objecto de representação, sendo que neste processo, os principais critérios são o poder figurativo dos conceitos, o nível cultural dos sujeitos e os valores e normas sociais.

Vala (2000) refere ainda que neste processo, os elementos do objecto de representação são reduzidos, para que este se torne mais simples, breve e preciso, e de forma paralela, são acentuados outros elementos, que se tornam elementos estruturantes da representação.

Já a naturalização é concebida como a transformação de conceitos mediatos em expressões imediatas de factos concretos (Amaral, 2004). Neste processo, os conceitos ou instrumentos intelectuais são materializados em categorias linguísticas que permitem classificar as pessoas, os comportamentos e acontecimentos, transformando-se assim em instrumentos “naturais” da compreensão. As palavras autonomizam-se em forças psíquicas e personificam-se, adquirindo uma existência quase física.

No que diz especificamente respeito à apropriação das teorias científicas pelo senso comum, Moscovici e Hewstone (1989) apresentam três formas sob as quais o processo de naturalização pode ocorrer, a saber, a personificação, a figuração e a ontologização.

A personificação é considerada como o principal processo de naturalização. Trata-se de um primeiro processo em que uma teoria ou conceito abstracto adquire uma existência concreta através da sua assimilação a um personagem.

A figuração corresponde à substituição dos conceitos abstractos por imagens ou metáforas, e a ontologização consiste em transformar entidades lógicas em “coisas”, conferindo-lhes qualidades ou forças.

Sendo um processo co-ocorrente da objectivação, a ancoragem corresponde à inserção de um objecto num sistema de categorias sociais, culturais ou linguísticas, ou ainda, práticas existentes num dado momento (Amaral, 2004).

O conceito de ancoragem remete assim para uma categoria de processos associados à formação das representações sociais em que são descritos os processos através dos quais o não-familiar se torna familiar (Vala, 2000).

A ancoragem contribui deste modo para a organização de condutas sociais, adquirindo assim uma função instrumental (Vala, 2000), tal como se pode verificar no estudo de Jodelet (1984), em que a ancoragem da doença psicológica na doença física, resulta num significado comportamental de afastamento.

Doise (1992) propõe três níveis de ancoragem, a saber, a ancoragem psicológica, a ancoragem sociológica, e a ancoragem psicossociológica. A ancoragem psicológica refere-se a representações sociais que ancoram em experiências intra-individuais ou inter-individuais. A ancoragem sociológica corresponde à ancoragem de representações sociais em clivagens objectivas da estrutura social. A ancoragem psicossociológica trata-se da ancoragem de representações sociais em dinâmicas de relações (simbólicas) entre grupos. DiGiacomo (1980) exemplifica esta ancoragem com as diferenças representacionais sobre um movimento de contestação estudantil, entre organizações estudantis divergentes. Porque o processo de ancoragem é um processo co-ocorrente da objectivação, pode-se falar, por exemplo, de ancoragem figurativa.

Uma vez que a Objectivação e a Ancoragem são dois processos que ocorrem concomitantemente, torna-se difícil referir-mos a um sem nos referir-mos ao outro. Assim, mais recentemente, Amaral (2004) propõe o conceito de ancoragem figurativa como mais um exemplo de ancoragem psicossociológica, uma vez que pressupõe, simultaneamente, a saliência de uma imagem (categoria) social, e dos valores que lhe estão associados.

2.6. Processos de Categorização Social Através de Protótipos

Para categorizar um objecto através de uma imagem mental, Moscovici (1984) refere-se explicitamente à ancoragem figurativa através dos protótipos. Como este autor defende, a principal característica de uma categoria, é poder dotar os indivíduos de um modelo mental que lhes permita representar todos os sujeitos pertencentes a essa categoria, sendo este como que um modelo médio de atributos rapidamente identificáveis, (Moscovici, 1984).

Torna-se, ainda assim pertinente sintetizar a linhas teórico-empíricas da Cognição Social sobre os processos de categorização social. Assim, Fiske e Taylor (1990) identificam duas correntes alternativas de entendimento da categorização social: a categorização por protótipos e a categorização por exemplares.

No que se refere à categorização por protótipos, Rosch (1978) refere dois princípios que subjazem à formação de categorias. O primeiro princípio refere que um sistema categorial existente numa dada cultura fornece o máximo de informação aos indivíduos com o mínimo de esforço cognitivo. O segundo princípio refere que os sujeitos percebem o real como estruturado, ou seja, existe uma percepção – mais ou menos consciente – de que os sistemas categoriais pré-existentes numa determinada cultura e momento, influenciam as construções e segmentações do real (Rosch, 1978).

Aqui, Rosch (1978) especifica que as segmentações e construções reais são fortemente influenciadas pelos sistemas de categorias já existentes numa determinada cultura, num determinado momento.

Rosch (1978), refere a existência de duas dimensões, vertical e horizontal, nas quais estes dois princípios têm implicações.

A dimensão vertical refere-se à categorização de um determinado estímulo por sucessivos níveis de inclusão e abstracção. A dimensão horizontal refere-se à separação/ segmentação das categorias da forma mais clara possível, exigindo, por isso, o menor esforço cognitivo possível para o indivíduo. Os dois princípios têm influência nestas dimensões.

Em termos verticais, Rosch apresenta 3 níveis hierárquicos, a saber, inferior, base e superior ou supra ordenado, sendo que este autor concebe estes níveis como conglomerados de

informação, o nível inferior é o mais rico e o supra ordenado o menos rico.

Uma das proposições fundamentais de Rosch (1976, 1978) é de que o nível de base, é o nível em que os indivíduos podem obter o máximo de informação possível com o mínimo de esforço cognitivo.

Uma segunda proposição fundamental de Rosch (1978) refere-se à segmentação horizontal de categorias, sendo que estas não se diferenciam em termos de fronteiras claras e estáveis, mas sim em termos do grau de tipicidade ou prototipicidade, na medida em que certos membros de uma determinada categoria são mais representativos do que outros. Os membros prototípicos, são aqueles que são mais facilmente reconhecidos e designados para nomear essa mesma categoria, são aqueles cuja “diagnosticidade” (Marques & Paez, 2000) permite uma maior saliência perceptiva e acessibilidade cognitiva.

Um confronto entre o modelo dos protótipos de Rosch e a teoria das representações sociais é realizado por Semin (1989). Para este autor, o modelo dos protótipos reenvia para uma concepção dos sujeitos sociais como sujeitos individuais, isolados de influência social, não tendo em conta os contextos sociais que estão ligados à origem e às funções dos processos de categorização social.

Ora, embora os estudos de Rosch (1978) incidam sobre as categorias naturais (por ex. taxonomias biológicas), este afirma: “Quando falamos da formação de categorias, falamos da sua formação na cultura” (Rosch, 1978, p.28) No entanto, Rosch (1978) afirma claramente que quando se refere à formação de categorias, se refere à sua formação numa cultura.

Corneille e Leyens (1994) observam que determinadas teorias “naif” explicativas, evocadas nos processos de categorização, constituem propriedades subjacentes que justificam a existência verídica, natural das categorias e sistemas sociais.

Rothbard e Taylor (1992) denominam de essências, as propriedades subjacentes que possibilitam categorizar “naturalmente”, “veridicamente”, um islamita ou um judeu.

2.7. A Abordagem Exemplarista

A abordagem foi proposta por Smith e Medin (1981) e Smith e Zárate (1992), e sugere que quando os sujeitos categorizam determinado objecto social, fazem-no recorrendo a atributos de exemplares já memorizados, em vez de um protótipo médio abstraído a partir da experiência. Estamos perante o mecanismo de objectivação por personificação, sugerido por Moscovici & Hewstone, (1989), que é comum à objectivação de qualquer objecto e não necessariamente de um objecto científico, como bem verificam Ordaz e Vala (1997) no seu estudo sobre as representações sociais do suicídio.

Relativamente à hipótese de “familiaridade com o estranho” referida por Moscovici (1984), o facto de existir um recurso a instâncias concretas que permite que o estranho e abstracto se torne familiar através do recurso à comparação com atributos de pessoas concretas (Mugny & Carugati, 1985), vem de algum modo dar suporte a essa teoria.

Para Ordaz e Vala (1997), as “personagens (exemplares) cumprem (...) a tarefa de dar um rosto a um fenómeno que, de abstracto e estranho, passa a concreto e familiar, adquirindo sentido e vida no espaço de histórias pessoais concretas” (Ordaz & Vala, 1997, p. 866).

A categorização por protótipos ou por exemplares, depende do grau de familiaridade dos indivíduos com os membros de uma categoria (Rothbard, 1981).

Refere Marques e Paez (2000) no que diz respeito à utilização de estereótipos (processos de codificação e organização de informação sobre grupos) por razões de economia cognitiva, salientando que os membros de um dado grupo, quando expostos a escassa informação sobre o alvo a categorizar, pensam mais facilmente no número de membros grupais associados aos poucos traços personalísticos a que são expostos, estruturando, portanto, essa informação em termos colectivos e não de forma individualizante.

No entanto, a experiência directa (familiaridade) com os membros de uma determinada categoria social, leva a um armazenamento de informação em termos de instâncias, tal como nos é demonstrado na investigação de Devos, Comby & Deschamps (1995), num trabalho acerca dos modelos e abordagens teórico-empíricas, respectivamente, exemplarista e estereotipado.

2.8. As funções das Representações Sociais

Podemos considerar que a primeira função das representações sociais é uma função social, atribuindo um sentido à realidade social, significando-a através dum sistema de interpretação (Amaral, 2004).

Podemos considerar ainda como segunda função, a definição de modos desejáveis de acção, ou seja, uma orientação de comportamentos ligada à função significativa, exprimindo a relação do sujeito com o objecto orientando os comportamentos do primeiro face ao segundo, (Amaral, 2004). Esta função está bem patente na investigação de Jodelet (1989b) sobre a doença mental, em que as práticas segregacionistas de um grupo de aldeões relativamente a um grupo de doentes, leva a que os hóspedes aceitem que este é um grupo à parte da comunidade funcionando como um processo de organização da conduta social.

A terceira função das representações sociais é a diferenciação entre grupos sociais (Jodelet, 1989b), ou seja, o desenvolvimento de práticas que visem uma diferenciação psicossocial e a manutenção/ protecção da identidade social de um grupo face ao outro, aproximando os conteúdos identitários próprios da representação de “normalidade”. Podemos assim considerar que o conteúdo das representações se modifica segundo a natureza das relações intergrupais, influenciando também o seu desenrolar, justificando-as ou antecipando-as.

2.9. Princípios Organizadores das Representações Sociais

Doise (1989) e Clémence, Doise e Lorenzo-Cioldi (1994), propuseram uma abordagem que passa pela articulação entre as representações sociais e as relações sociais. Estes autores perspectivam as representações sociais como metassistemas comuns de regulação das tomadas de posições simbólicas dos indivíduos, sejam elas organizadas em opiniões atitudes ou estereótipos. Assim a pluralidade de representações ancoradas em diferentes posições sociais, remete para a activação de diversos princípios organizadores (Amaral, 2004).

O estudo de Poeschl (1992) demonstra exactamente o que se acaba de explicar, através da forma como as rs de inteligência se modificam em função da activação de determinada categoria: psicólogos ou pedagogos, homem ou mulher.

Paralelamente Mugny e Carugati (1985) procuraram também organizar o conceito, demonstrando, num trabalho acerca das Representações Sociais de Inteligência, como eram moduladas a organização de crenças e teorias implícitas acerca da inteligência, em função de variáveis psicossociais, a saber: a maior ou menor familiaridade com o objecto, a falta de informação declarada quanto à compreensão da inteligência e a preservação de identidades sociais positivas. Mais tarde estes princípios organizadores vieram a ser testados por Carugati, Selleri e Scapini (1994), comprovando que as relações entre as diferentes tomadas de posição simbólica ancoram em dinâmicas sociocognitivas que dependem, em última análise das posições sociais.

2.10. A Inteligência Naif

Neste sub-capítulo vamos debruçar-nos acerca dos estudos seminais que se preocuparam em estudar as concepções que indivíduos têm acerca da inteligência, a inteligência que se pode encontrar nos indivíduos independentemente dos estudos científicos acerca da mesma e, por isso mesmo, inteligência naif. Importa assim explicar alguns estudos da cognição social acerca do tema, bem como estudos no âmbito da teoria das representações sociais.

2.10.1. Estudos no Âmbito das Teorias da Cognição Social

A primeira pesquisa a que nos vamos referir é de Sternberg, Conway, Ketron e Bernstein (1981), que procurou analisar as teorias implícitas acerca da inteligência em estudantes universitários, peritos e leigos. Estes autores realizaram experiências onde procuraram relacionar as teorias implícitas acerca de inteligência com a organização dos protótipos de acordo com os contextos sócias e as categorias de pertença dos sujeitos.

As conclusões de uma primeira experiência, com sujeitos presentes em contextos universitários e sujeitos presentes em contextos não universitários, demonstraram que os sujeitos organizam os protótipos de inteligência de acordo com o contexto social de pertença, isto é, os sujeitos em contexto universitário demonstraram ter protótipos de inteligência académica e geral próximos, ao passo que os sujeitos não universitários possuem protótipos de inteligência geral e quotidiana correlacionados (Sternberg et al, 1981).

Ainda no mesmo estudo os estudantes universitários demonstraram uma auto-atribuição de inteligência correlacionada com a inteligência quotidiana, enquanto que os restantes sujeitos demonstraram auto-atribuições de inteligência correlacionadas com a inteligência quotidiana. Esta experiência demonstra que os sujeitos organizam as suas teorias implícitas sobre a inteligência de acordo com os contextos de pertença, os quais evocam diferentes auto-categorizações (Sternberg et al, 1981).

Numa segunda experiência, Sternberg et al. (1981), inquiriram peritos em inteligência (Psicólogos com o grau de Doutoramento, com pesquisas efectuadas ou em curso, relacionadas com o tópico da inteligência) e leigos sobre características e comportamentos inteligentes, bem como a importância dessas características e comportamentos na definição de “pessoa idealmente inteligente”, “pessoa idealmente inteligente no plano académico” e “pessoa idealmente inteligente no quotidiano”. Os sujeitos foram ainda inquiridos acerca das características da sua própria inteligência e de outra pessoa que conheciam bem. Os dados obtidos revelam que sujeitos “peritos” e “leigos” organizam a imagem de “pessoa idealmente inteligente”, como próxima das suas teorias implícitas sobre “pessoa idealmente inteligente”, nomeadamente no plano académico e quotidiano. Quanto ao grau de associação atribuídas a si próprios ou a outra pessoa, os sujeitos organizam de forma clara e diferenciada, as suas teorias sobre as três inteligências (ideal, académica e do quotidiano) quando se trata de outros, mas mostram dificuldades em separá-las quando se referem a si próprios.

Relativamente à organização dos conteúdos das inteligências, estes foram analisados com recurso a análises factoriais. Encontraram-se factores em comum nas análises dos dois grupos, como sendo a “capacidade de resolução de problemas” e as “competências verbais”. Estas são duas componentes de ordem cognitiva, o que demonstra a centralidade das definições de inteligência dos peritos e dos leigos. Sternberg et al. (1981) concluem que a “capacidade de resolução de problemas” e as “competências verbais”, bem como, de algum modo, as competências de adaptação social, são componentes fundamentais na organização dos protótipos, em leigos e peritos, correspondentes às “inteligências” investigadas.

Importa também referir uma outra investigação de Sternberg (1985) na qual se tentou perceber as diferenças dos conteúdos das teorias implícitas de inteligência, criatividade e sabedoria, em estudantes universitários. Os resultados de mostraram que os sujeitos salientam a capacidade de resolução de problemas e a capacidade de verbal nas suas teorias implícitas de inteligência.

Num outro estudo desta pesquisa, no qual os sujeitos teriam de avaliar-se a si próprios e a outros enquanto “inteligentes”, “criativos” e “sabedores”, demonstrou-se que os sujeitos universitários, usam as teorias implícitas na avaliação de si próprios, bem como nas de outros.

2.10.2. Estudos no Âmbito da Teoria das Representações Sociais

Já no quadro técnico das representações sociais, importa referir também alguns estudos, nomeadamente o de Le Dissert (1983) que investigou como estudantes universitários, sujeitos de gerações mais velhas, quadros de empresas ou de estado e professores do ensino secundário, organizavam as suas teorias implícitas acerca de “pessoa inteligente” e “pessoa criativa”, sendo a primeira caracterizada enquanto racional, metódica, conformista, organizada e realista, e a segunda, enquanto original, crítica, com fantasia, sensível e intuitiva. Também o estudo de Poeschl (1992) é de relevo para o nosso trabalho uma vez que procurou perceber as representações sociais da inteligência de sujeitos adultos, em função do sexo e da saliência de dimensões diversas atribuídas pelos sujeitos aos estímulos “homem inteligente” e “mulher inteligente”. Os resultados foram submetidos a análises factoriais, deixando perceber que as competências sociais aparecem como uma dimensão de grande relevo para ambos os estímulos. Para o estímulo “homem inteligente”, o factor “sucesso social” é o que aparece em segundo lugar na variância explicada, sendo que foi no grupo das mulheres que este factor maior variância explicou.

Já na estrutura factorial da consigne “mulher inteligente”, o segundo factor foi denominado como “sucesso profissional”, não parecendo o “sucesso social” ser uma dimensão saliente na representação de mulher inteligente (Poeschl, 1992). As conclusões da autora indicam até que as representações da inteligência masculina ancoram na ideia de “sucesso social”, enquanto que a representação da inteligência feminina ancora mais nas “competências sociais”, no “sucesso profissional”, no “ser atractivo” e no item “cultura”, sendo os dois últimos itens que constituem um factor que remete para a feminilidade e que a autora chamou “eterno feminino”. A autora releva ainda o facto de no grupo das mulheres a inteligência feminina ancorar em dimensões particularmente femininas e a inteligência masculina ancorar sobretudo na dimensão cognitiva da inteligência.

Carugati, Selleri e Scapinni (1994) realizaram um estudo no qual tentaram perceber a influência da maior ou menor familiaridade com o objecto na organização das crenças sobre

inteligência. Neste estudo constataram que, em relação a indivíduos com menor familiaridade com o objecto, existe uma co-variação entre dois núcleos representacionais: a crença nos dons naturais, com ênfase nas competências cognitivas, e a crença na “inteligência social” relacionada com a aprendizagem de regras sociais e as funções adaptativas da inteligência.

Numa outra investigação, Snellman e Raty (1995), mostraram que os sujeitos com menor familiaridade com o conceito “inteligência”, são os que acentuam mais as teorias inatistas sobre a inteligência, e uma concepção de aprendizagem espontânea.

3 - ESTUDO DA ORGANIZAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES PROTOTÍPICAS DE INTELIGÊNCIA EM TÉCNICOS DE RECRUTAMENTO

3.1. Notas Introdutórias ao Estudo

Os estudos seminais de Moscovici (1961) acerca das representações sociais da psicanálise na sociedade francesa, assim como o estudo de Ordaz e Vala (1997) sobre as representações sócias do suicídio na imprensa escrita, deixam perceber como os objectos sociais se ancoram e concomitantemente se objectivam, ou “ancoram figurativamente”, em perfis de protótipos ou certas categorias sociais, veiculando assim explicações naif sobre os objectos das representações (Corneille & Leyens, 1994).

Neste capítulo proceder-se-á exactamente à análise da ancoragem figurativa através do processo de categorização social da inteligência de forma prototípica, nos técnicos de recrutamento, ou seja através de um processo cognitivo de categorização dos objectos sociais. Os sujeitos da amostra são técnicos de recrutamento, homens e mulheres detentores de habilitações académicas superiores da área da Psicologia e Outras.

3.2. Objectivos

Tal como enunciado anteriormente, o principal objectivo deste estudo é investigar acerca das representações prototípicas de inteligência, de acordo com as variáveis independentes sexo e familiarização com o objecto. A familiarização com o objecto foi operacionalizada de acordo com a área académica dos sujeitos. Assim, sujeitos provenientes da área académica Psicologia foram considerados familiares com o objecto Inteligência, e os sujeitos provenientes de “Outras” áreas académicas considerados não familiares com o objecto Inteligência.

3.3. Método

3.3.1. Caracterização da Amostra

A amostra sobre a qual incidiu o estudo é constituída por sujeitos de ambos os sexos cuja profissão seja técnicos de recursos humanos, que realizem processos de recrutamento e selecção e cuja área de formação seja Psicologia e “Outras” áreas. O material utilizado será um questionário de associação livre de palavras ao estímulo “Candidato Inteligente”. As variáveis independentes são o sexo e a área de formação dos sujeitos. A amostra é constituída por um total de 38 sujeitos, dos quais 18 são do sexo Masculino e 20 do sexo Feminino, 22 provêm da área académica Psicologia e 16 de Outras áreas académicas (Tabela 1). Procedeu-se a uma amostragem por conveniência em 15 empresas com escritórios na região da Grande Lisboa.

Tabela 1
Caracterização da Amostra

		Área Académica			
			Psicologia	Outras	
Sexo	Masculino		9	9	18 (47,4%)
	Feminino		13	7	20 (52,6%)
			22 (57,9%)	16 (42,1%)	38

3.3.2. Material e Procedimentos

Foi solicitado aos sujeitos que respondessem a um questionário de associação livre de palavras ao estímulo “Candidato Inteligente”. As palavras associadas ao estímulo serão submetidas a uma Análise de Homogeneidade (HOMALS), com recurso ao SPSS versão 11,5. A HOMALS está particularmente apropriada à abordagem simultânea de múltiplos indicadores e ao tratamento de variáveis qualitativas (Carvalho 2004). Como já foi referido anteriormente a familiaridade com o objecto inteligência foi operacionalizada através das áreas académicas de proveniência dos sujeitos (Psicologia – considerados mais familiares com o objecto - e Outras – Considerados menos familiares com o objecto).

3.4. Descrição e Interpretação de Resultados

Da análise de conteúdo realizada às repostas dos sujeitos - 380 palavras obtidas através da associação de livre de palavras ao estímulo “Candidato Inteligente” – resultaram 93 categorias. Destas foram marginalizadas aquelas que possuíam uma frequência de palavras inferior a 4. Assim na Tabela 2 podemos observar as 24 categorias consideradas para análise, bem como as respectivas frequências de palavras para cada categoria.

Tabela 2
Frequência de Palavras Obtidas por Categoria

	f
Empenhado	43
Mentalmente Dotado	21
Conhecedor	16
Competente	16
Eloquente	16
Sociável	15
Racional	14
Experiente	13
Cativante	13
Organizado	13
Apresentável	11
Dinâmico	11
Operacional	9
Observador	9
Bem Sucedido	7
Criativo	7
Calmo	7
Empático	6
Seguro	6
Jovem	5
Extrovertido	5
Sensato	5
Curioso	5
Perfeccionista	4

Nota: Estão presentes apenas as categorias utilizadas para análise ($f \geq 4$).

No sentido de aprofundar os conhecimentos sobre os protótipos de “Candidato Inteligente”, realizou-se uma análise de homogeneidade (HOMALS).

Para avaliar a qualidade das dimensões, começou-se por avaliar a variância explicada por cada uma delas, sendo através do Eigenvalue (Valor Próprio) que é quantificada essa variância. As dimensões a considerar são as que têm os maiores valores próprios e, como tal, mais variância explicam (Carvalho, 2004). Na Tabela 3 podemos observar os valores próprios das 10 primeiras dimensões.

Tabela 3
Valores Próprios das 10 primeiras dimensões

Dimensões	Valores Próprios
1	,299
2	,262
3	,217
4	,193
5	,180
6	,173
7	,159
8	,138
9	,125
10	,114

Segundo Carvalho (2004), tende a reter-se para análise as dimensões com valores próprios a partir dos quais deixa de haver descidas significativas. Por este motivo a utilização de um gráfico permite fazer uma escolha mais sustentada, observando-se no gráfico apresentado na Figura 1 que é a partir da segunda dimensão que tal acontece, retendo-se assim para análise a primeira e segunda dimensões, com os valores próprios 0,299 e 0,262 respectivamente.

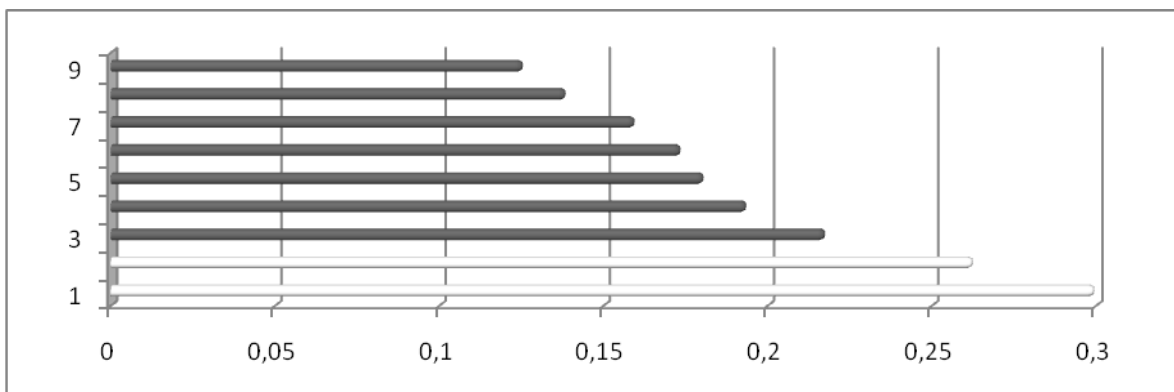


Figura 1. Representação gráfica dos valores próprios das 10 primeiras dimensões.

Com o número de dimensões para análise (duas) definido, tornou-se necessário voltar a realizar-se uma HOMALS, mas desta vez com duas dimensões. Torna-se agora pertinente observar as medidas de discriminação no sentido de avaliar a existência de variáveis sem capacidade para diferenciar. Por não haver critérios de índole quantitativa que permitam avaliar a selecção das variáveis, considerou-se o ponto médio das medidas de discriminação em cada dimensão (Valor Próprio) como valor de referência para se fazer a a selecção das variáveis (Carvalho, 2004). Privilegia-se assim, em cada uma das duas dimensões, as variáveis cuja discriminação seja, pelo menos, idêntica ao valor próprio da respectiva dimensão (Carvalho, 2004).

Tabela 4
Medidas de Discriminação por Variável nas Duas Dimensões

Variáveis	Dimensão	
	1	2
Empenhado	,001	,001
Mentalmente Dotado	,034	1,137
Conhecedor	,002	,064
Competente	,287	,070
Eloquente	,048	,001
Sociável	,145	,044
Racional	,123	,064
Experiente	,016	,533
Cativante	,711	,066
Organizado	,292	,002
Apresentável	,335	,010
Dinâmico	,199	,158
Operacional	,026	1,164
Observador	,006	1,138
Bem Sucedido	,711	,138
Criativo	,032	,049
Calmo	,226	,020
Empático	,037	,142
Seguro	,119	,047
Jovem	1,464	,174
Extrovertido	,739	,798
Sensato	,015	,353
Curioso	,008	,006
Perfeccionista	,414	,520

A partir da análise na Tabela 4 pode perceber-se quais as variáveis mais diferenciadoras e que, como tal, foram utilizadas na realização da HOMALS a partir da qual se irão interpretar os resultados

Tabela 5
Medidas de Discriminação das Variáveis

	Dimensão	
	1	2
Masculino	,651	,078
Feminino	,417	,052
Psicologia	,752	,088
Outras	1,196	,084
Ment. Dotado	,015	,924
Experiente	,066	,224
Cativante	,550	,039
Organizado	,302	,006
Apresentável	,217	,001
Operacional	,007	1,077
Observador	,000	1,087
Bem Sucedido	,648	,255
Jovem	1,307	,398
Extrovertido	,353	,461
Sensato	,042	,555
Perfeccionista	,389	,727

Na Tabela 5 podem ser observadas as medidas de discriminação que irão ser interpretadas. Temos então uma primeira dimensão na qual as variáveis que mais discriminam foram, por um lado Jovem, Cativante, Apresentável e por outro, Bem Sucedido. É uma dimensão que remete sobretudo para competências sociais.

Na segunda dimensão as variáveis que mais discriminaram foram, Mentalmente Dotado, Operacional, Observador e Perfeccionista. Estamos então perante uma dimensão que. Por um lado remete para a ideia de “Candidato Inteligente” com características “práticas” (Operacional), mas por outro remete para características mais analíticas ou teóricas (Observador e Mentalmente Dotado) e para a ideia de um indivíduo que desempenha bem as tarefas (Perfeccionista). Estamos perante uma dimensão que veicula sobretudo competências profissionais.

É ainda possível observar que é a Dimensão 1 que discrimina as respostas dos sujeitos masculinos e femininos, bem como os sujeitos provenientes da área de psicologia e de “outras” áreas.

Para melhor compreender as relações entre as variáveis torna-se necessário proceder à análise da quantificação das suas categorias. A leitura das quantificações categoriais tem em consideração o sinal que lhes está associado e daí se poderá aferir sobre a especificidade das

relações de associação ou de oposição umas face às outras (Carvalho, 2004). As oposições correspondem a quantificações de sinais contrários e as associações a quantificações com o mesmo sinal (Carvalho, 2004).

No caso do nosso estudo, as variáveis dependentes na análise estatística foram definidas de acordo com as categorias resultantes da análise de conteúdo feita às respostas dos sujeitos. Como tal, as categorias das variáveis da análise estatística correspondem, para cada variável, a respostas de sujeitos que se inserem nessa mesma Variável da análise estatística/Categoria extraída da análise de conteúdo, e não-respostas a essa variável. Assim, por não serem relevantes, foram eliminadas do gráfico representado na Figura 2, para cada uma das variáveis em estudo (ou seja, categorias da análise qualitativa), as categorias correspondentes a não-respostas de sujeitos em cada variável. Verifica-se esta situação em todas as variáveis para as quais determinado sujeito não contribuiu com uma resposta. Desta forma o gráfico representado na Figura 2 mostra as quantificações das categorias correspondentes a respostas (uma vez que as categorias correspondentes a não-respostas foram consideradas como Missing Values e não foram interpretadas pela HOMALS) para cada uma das variáveis utilizadas na HOMALS.

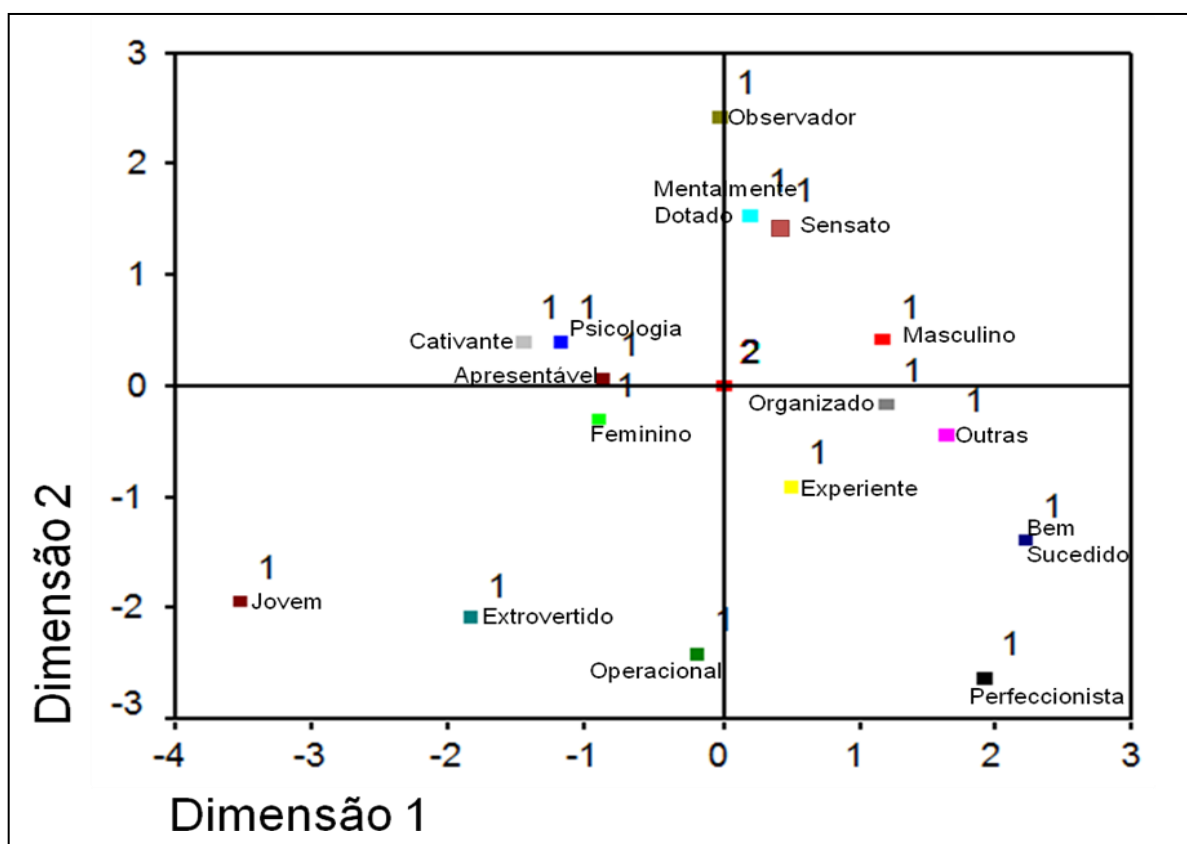


Figura 2. Representação gráfica das quantificações das categorias 1- correspondentes às respostas dos sujeitos nas respectivas variáveis e 2- correspondentes à ausência de resposta.

A primeira observação do gráfico permite-nos perceber logo à partida as principais oposições. Seja na Dimensão 1, na qual se pode observar uma marcada oposição entre o “Candidato Inteligente” jovem e o “Candidato Inteligente” bem sucedido, seja na Dimensão 2, na qual a maior oposição é entre um “Candidato Inteligente” observador e um “Candidato Inteligente” operacional.

Tal como se observou aquando do estudo das medidas de discriminação, o sexo dos sujeitos bem como a área académica de proveniência são analisadas tendo em conta a primeira dimensão. Assim, podemos dizer que os sujeitos masculinos e provenientes de “Outras” áreas académicas deram respostas idênticas às dos sujeitos Masculinos, assim como os Sujeitos provenientes de Psicologia respostas idênticas à dos sujeitos femininos. Este facto explica-se ao atentarmos na caracterização da amostra (Tabela 1) e verificar-mos que mais de metade de 50% da amostra proveniente de “Outras” áreas académicas é constituída por sujeitos do sexo masculino e mais de 50% da amostra proveniente da área académica Psicologia é constituída por sujeitos do sexo feminino. Desta forma, no pólo Masculino e “Outras” surgem principalmente as ideias de Inteligência cognitiva ligada a dotes naturais (Mentalmente Dotado e Perfeccionista), Sucesso Profissional (Bem Sucedido). Já no pólo Feminino e Psicologia, surgem principalmente ideias relacionadas com a imagem (Cativante e Apresentável), capacidade de resolução de tarefas práticas (Operacional) e a ideia de juventude ligada a socialização (Jovem e Extrovertido).

Ainda assim, uma leitura alternativa da distribuição das quantificações no plano, permite-nos observar 3 principais tendências: características que reenviam para uma imagem de alguém Jovem, Extrovertido e com sentido prático (operacional), tendencialmente no pólo feminino; características que remetem para uma imagem de Chefia: pessoa madura (experiente), que é exigente (perfeccionista) e bem sucedido, e que quantificam no mesmo quadrante dos sujeitos que são provenientes de “Outras” áreas académicas (menor familiaridade com o objecto); e um terceiro núcleo que reenvia para a noção de Inteligência Académica (Mentalmente Dotado, Sensato e Observador) e que está situado no quadrante masculino.

4 – DISCUSSÃO

O grande objectivo orientador deste trabalho foi perceber qual o efeito da familiaridade com o objecto social inteligência, bem como o sexo dos sujeitos, na organização das representações prototípicas de inteligência em técnicos de recrutamento, no sentido de perceber que “formas” de inteligência estes procuram numa situação de recrutamento. Conclui-se assim que, de uma forma geral, para os técnicos de recrutamento que compõe a amostra, a representação prototípica de inteligência ancora sobretudo numa dimensão que remete para competências sociais (Bem Sucedido, Jovem, Cativante) e numa outra que remete para competências profissionais (Observador, Operacional, Mentalmente Dotado) resultados estes que estão de acordo com os de Poeschl (1992), em que as competências sociais se afiguram como a dimensão mais importante das representações de “Homem Inteligente” e “Mulher Inteligente”. Também o “Sucesso Profissional” constituiu no estudo da autora uma dimensão importante, sobretudo na representação da “inteligência feminina”, podendo ser feito um paralelismo com a dimensão que remete para competências profissionais.

É de referir o facto de no estudo de Poeschl (1992) o “sucesso social” constituir uma característica típica da representação de “Homem Inteligente” e no nosso estudo surgir, estando associado a respostas por parte de sujeitos masculinos, a ideia de “Bem Sucedido”.

Relativamente à familiaridade com o objecto inteligência é, no pólo dos indivíduos provenientes de outras áreas que não a da Psicologia e como tal assumidos enquanto não familiares com o objecto inteligência, que se encontra a ideia de Mentalmente Dotado que remete para a noção de inteligência cognitiva e ligada a dotes naturais. Pode aqui fazer-se uma analogia com os resultados do estudo de Mugny e Carugaty (1985), no qual indivíduos menos familiares com o objecto social inteligência, comparados com indivíduos mais familiares com o objecto inteligência, os primeiros criam mais na inteligência enquanto dote natural. Também o estudo de Snellman e Raty (1995) aponta no mesmo sentido.

Referências

- Amaral V. (2004) “Inteligências”: Estudo das representações sociais da inteligência – Perspectivas “desenvolvimentistas” e de género e dinâmicas representacionais (Tese de Doutoramento em Psicologia Social e Organizacional: Especialidade em Psicologia Social). Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Bauer, M & Gaskell, G. (1999). Towards a paradigm for the study of social representations, *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 29, 162-186.
- Carugati, F., Selleri P. & Scapini E. (1994) Are social representations an architecture of cognition? *Papers on Social Representations*, 3, 2, 134-151.
- Carvalho, H. (2004). *Análise multivariada de dados qualitativos. Utilização da HOMALS com o SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo
- Clémence, A., Doise, W. & Lorenzo-Cioldi F. (1994) Prises de positions et principes organisateurs des représentations sociales. In Ch. Guillemi (Ed): *Structures et transformations des représentations sociales*. Paris. Delachaux et Niestlé.
- Corneille, O. & Leyens, J.-P. (1994) Catégories, categorization sociale et essentialisme psychologique. In R. Bourhis & J.-P. Leyens (Eds): *Steréotypes, discrimination et relation ente groupes*. Liége. Mardaga.
- Devos, T., Comby, L., & Deschamps, J-C. (1995). *Appartenances sociales et jugements de variabilité intra-groupes. Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 27, 9-43.
- DiGiacomo, J.P. (1980). Intergroup alliances and rejections within a protest movement (analysis of a social representation). *European Journal of Social Psychology*, 10, 329-344.
- Doise, W. (1989) Attitudes et représentations sociales. In D. Jodelet (Ed): *Les représentations sociales*. Paris: PUF.
- Doise, W. (1992) L’ancrages dans les études sur les représentations sociales. *Bulletin de Psychologie*, 405, 189-195.
- Durkheim, E. (1898) Représentations Individuelles et représentations collectives. *Revue de Metaphysique et Morale*, 6, 273-302.

- Fiske, S., & Taylor S. (1990) *Social Cognition*. New York: McGraw-Hill.
- Jodelet, D. (1984). Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In S. Moscovici (Ed): *Psychologie Sociale*. Paris: PUF.
- Jodelet, D. (1986a). Fou et folie dans un milieu rural français: une approche monographique. In W. Doise & A. Palmonari (Eds): *L'études des représentations sociales*. Neuchatel-paris: Delachaux et Niestlé.
- Jodelet, D. (1989b). *Folies et représentations sociales*. Paris: PUF.
- Le Dissert, D. (1983) De la sociophobie au retour de l'individualisme: représentation sociale de la créativité. (Tese de Doutorado). Paris: Université de Paris VIII.
- Marques, J., & Paez, D. (2000). Processos cognitivos e estereótipos sociais. In J. Vala e M. Monteiro (Orgs): *Psicologia social*, 4ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. In R. Farr & S. Moscovici (Eds): *Social representations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Moscovici, S. (1998). The History and actuality of social representations. In U. Flick (Ed): *The psychology of the social*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Moscovici, S., & Hewstone, M. (1989). Rappresentazioni sociali e spiegazioni sociali: dal o scienziato "ingénuo" allo scienziato "diletante". In M. Hewstone (Ed.): *Teoria dell'attribuzione*. Bologna: Il Mulino.
- Mugny, G., & Carugati F. (1985). *L'intelligence au pluriel*. Cousset: DeVal.
- Ordaz, O. & Vala, J. (1997) Objectivação e ancoragem das representações sociais do suicídio. *Análise Social*, 143/144, 847-874.
- Palmonari, A., & Doise W. (1986). Caracteristiques dès représentations sociales. In W. Doise & A. Palmonari (Eds): *L'étude de représentations sociales*. Neuchatel-Paris: Delachaux et Niestlé.
- Poeschl, G. (1992). L'intelligence: un concept à la recherche d'un sens. Étude sur l'effect du processus d'ancrage sur la représentation sociale de l'intelligence. (Tese de Doutorado). Genève: Université de Genève.

- Rosch, E. (1976). Classification d'objets du monde réel: origines et représentations dans la cognition. *Bulletin de Psychologie, Numero special annuel – La mémoire sémantique*, 242-250.
- Rosch, E. (1978). Principles of categorization. In E. Rosch & B. Lloyd (Eds), *Cognition and categorization*. Hillsdale: Erlbaum.
- Rothbart, M. (1981) Memory processes and social beliefs. In D. Hamilton (Ed), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior*. Hillsdale: Erlbaum.
- Rothbart, M. & Taylor, M. (1992). Social categories and social reality: do we view social categories as natural kind? In G. Semin & K. Fiedler (Eds), *Language, interaction and social cognition*. London: Sage.
- Semin, G. (1989) Prototypes et représentations sociales. In D. Jodelet (1989a) (Ed), *Les représentations sociales*. Paris: PUF.
- Snellman, L., & Raty, H. (1995). Conceptions of intelligence as social representations. *European Journal of Psychology of Education*, 3, 173-287.
- Smith, E., & Medin, D. (1981). Categories and concepts. Cambridge: Cambridge University Press.
- Smith, E., & Zarate, M. (1992). *Exemplar-based model of social judgement*. *Psychological Review*, 1, 3-21.
- Sternberg, R. (1985). Implicit theories of intelligence, creativity and wisdom. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 607-627.
- Sternberg, R., Conwat, B., Ketron, J., & Benstein, M. (1981). *People's conceptions of intelligence*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1, 37-55.
- Vala, J. (2000). Representações sociais - -para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M. Monteiro (Orgs), *Psicologia social*, 4ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Goulbenkian.

O exercício que lhe propomos, trata-se de uma associação livre de palavras. Como tal não existe uma forma correcta ou errada de responder. Importa que responda aquilo que o estímulo lhe fizer pensar sem que, para tal, tenha de fazer um grande esforço mental. Por este motivo, agradecemos que se concentre e que, após a leitura do estímulo, escreva as primeiras 10 palavras ou frases em que este lhe faça pensar. Para melhor compreender o exercício, por favor leia com atenção o exemplo que se segue.

Exemplo

Vamos em seguida apresentar-lhe palavras ou expressões. Pedimos que nos diga as primeiras dez palavras que lhe ocorram.

“Comida” faz-me pensar em:

Garfo

Prato

Fome

Batata

Bife

Arroz

Mesa

Guardanapo

Cozinha

Restaurante

O que lhe pedimos agora é que responda com a maior sinceridade e espontaneidade possível. Os exercícios 1 e 2 não deverão demorar mais de 5 minutos cada. Por favor, escreva as primeiras palavras que lhe ocorram. Não existem respostas correctas ou erradas.

Imagine uma situação de recrutamento típica. Escreva, por favor, as primeiras 10 palavras ou frases que “**CANDIDATO INTELIGENTE**” o(a) faça pensar.

1	_____
2	_____
3	_____
4	_____
5	_____
6	_____
7	_____
8	_____
9	_____
10	_____

Homals

Credit

HOMALS
Version 1.0
by
Data Theory Scaling System Group (DTSS)
Faculty of Social and Behavioral Sciences
Leiden University, The Netherlands

Case Processing Summary

Cases Used in Analysis	38
------------------------	----

Iteration History

Iteration	Fit	Difference from the Previous Iteration
3(a)	2,515 3 5 3	,000000

a The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

Eigenvalues

Dimensi on	Eigenva lue
1	,299
2	,262
3	,217
4	,193
5	,180
6	,173
7	,159
8	,138
9	,125
10	,114
11	,085
12	,079
13	,075
14	,072
15	,061
16	,056
17	,050
18	,045
19	,032
20	,026
21	,023
22	,020
23	,016
24	,010
25	,004
26	,002

Homals

Credit

HOMALS
Version 1.0
by
Data Theory Scaling System Group (DTSS)
Faculty of Social and Behavioral Sciences
Leiden University, The Netherlands

Case Processing Summary

Cases Used in Analysis	38
------------------------	----

Iteration History

Iteration	Fit	Difference from the Previous Iteration
24(a)	,560217	,000010

a The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

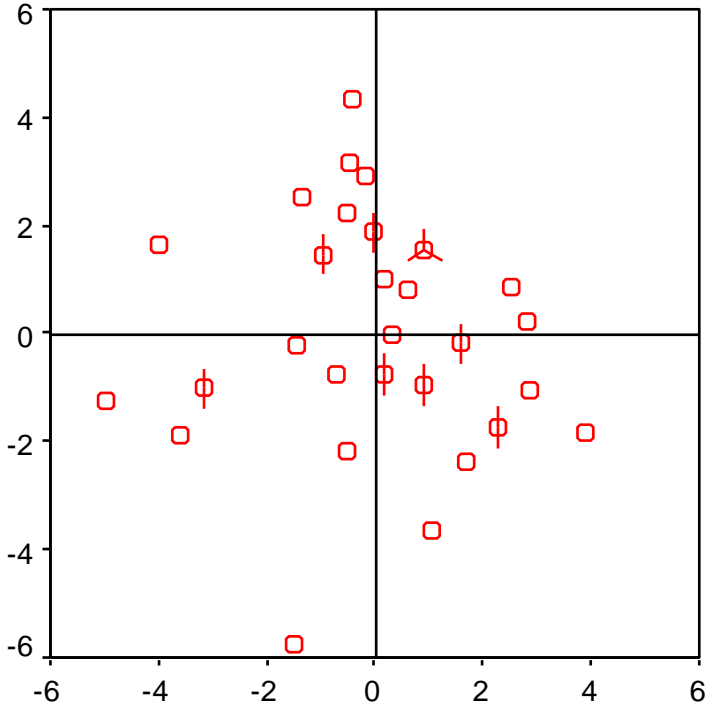
Eigenvalues

Dimension	Eigenvalue
1	,299
2	,262

Discrimination Measures

	Dimension	
	1	2
Masculino	,465	,000
Feminino	,389	,001
Psicologia	,658	,294
Outras	,860	,330
Empenhado	,001	,001
Ment. Dotado	,034	1,137
Bons Conhecimentos	,002	,064
Competente	,287	,070
Eloquente	,048	,001
Sociavel	,145	,044
Racional	,123	,064
Experiente	,016	,533
Cativante	,711	,066
Organizado	,292	,002
Apresentável	,335	,010
Dinâmico	,199	,158
Operacional	,026	1,164
Observador	,006	1,138
Bem Sucedido	,711	,138
Criativo	,032	,049
Calmo	,226	,020
Empático	,037	,142
Seguro	,119	,047
Jovem	1,464	,174
Extrovertido	,739	,798
Sensato	,015	,353
Curioso	,008	,006
Perfeccionista	,414	,520

Object Scores



Dimension 1

Cases w eighted by number of objects.

Homals

Credit

HOMALS
Version 1.0
by
Data Theory Scaling System Group (DTSS)
Faculty of Social and Behavioral Sciences
Leiden University, The Netherlands

Case Processing Summary

Cases Used in Analysis	38
------------------------	----

Iteration History

Iteration	Fit	Difference from the Previous Iteration
22(a)	,810540	,000008

a The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

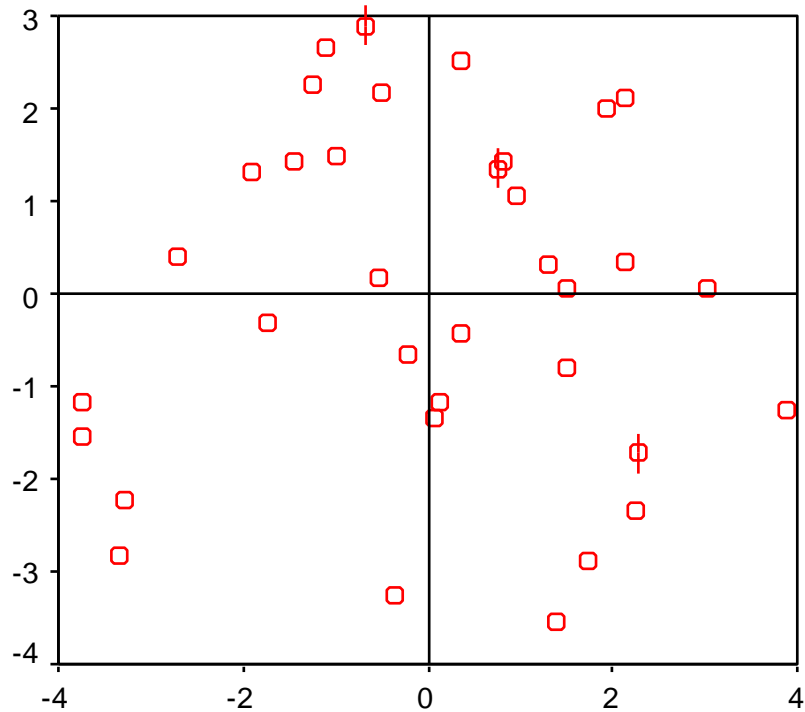
Eigenvalues

Dimension	Eigenvalue
1	,432
2	,378

Discrimination Measures

	Dimension	
	1	2
Masculino	,651	,078
Feminino	,417	,052
Psicologia	,752	,088
Outras	1,196	,084
Ment. Dotado	,015	,924
Experiente	,066	,224
Cativante	,550	,039
Organizado	,302	,006
Apresentável	,217	,001
Operacional	,007	1,077
Observador	,000	1,087
Bem Sucedido	,648	,255
Jovem	1,307	,398
Extrovertido	,353	,461
Sensato	,042	,555
Perfeccionista	,389	,727

Object Scores



Dimension 1

Cases w eighted by number of objects.

Homals

Credit

HOMALS
Version 1.0
by
Data Theory Scaling System Group (DTSS)
Faculty of Social and Behavioral Sciences
Leiden University, The Netherlands

Case Processing Summary

Cases Used in Analysis	38
------------------------	----

Iteration History

Iteration	Fit	Difference from the Previous Iteration
22(a)	,810540	,000008

a The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

Eigenvalues

Dimension	Eigenvalue
1	,432
2	,378

Discrimination Measures

	Dimension	
	1	2
Masculino	,651	,078
Feminino	,417	,052
Psicologia	,752	,088
Outras	1,196	,084
Ment. Dotado	,015	,924
Experiente	,066	,224
Cativante	,550	,039
Organizado	,302	,006
Apresentável	,217	,001
Operacional	,007	1,077
Observador	,000	1,087
Bons Resultados	,648	,255
Jovem	1,307	,398
Extrovertido	,353	,461
Sensato	,042	,555
Perfeccionista	,389	,727

Quantifications

